1

Para mim, era só mais um homem a destacar-se do fundo prateado. Aceitei o bilhete azul e rasguei-o em dois. Não olhei para o rosto dele; nunca olho para os rostos deles. Fato cinzento, camisa cinzenta. Camisa limpa.

Foi o meu corpo que o sentiu primeiro. A mão na cintura, a mão que segurava a minha, eram firmes mas não insistentes. Sentia o cheiro dele, uma água-de-colónia fresca e cigarros. Alguns meses antes, gastara o ordenado de uma semana na compra de um pequeno frasco de perfume: jasmim-branco. Não era o meu género; gosto do aroma de pétalas, de flores de cerejeira. Mas queria um perfume intenso, para me proteger do cheiro deles. Não deu resultado.

Por algum motivo, o meu corpo aceitava as mãos dele, o hálito dele, e os meus mamilos estavam duros. Talvez nem se notasse através do vestido de noite preto, mas detestei a ideia. Também detestava o vestido. Era vulgar, mas não feio; só um pedaço de tecido; os meus ombros estavam nus, os meus seios pequenos quase visíveis, a cintura e as pernas bem marcadas.

Eu jurei nunca mais usar um vestido preto, meias pretas, saltos altos. E não voltarei a dançar.

Eles tinham dito que era demasiado magra para o trabalho, mas mudaram de ideias quando experimentei o vestido preto, as meias, os sapatos. Alguns homens gostavam de raparigas com... classe, comentou um deles. E eu saí da sala e mudei de roupa, sentindo-me humilhada e feliz por saber de onde vinha a próxima refeição. Entrei num bar e comi um jantar decente, comprei uma revista e um esquecido ramo de violetas; naquela noite lavei o cabelo, o meu cabelo liso, pelos ombros, fora de moda mas com madeixas cobre naturais.

Chamavam ao lugar Dance Academy, mas não passava de uma espelunca onde os homens pagavam uns cêntimos para rodear uma rapariga com os braços. Não demasiado próximo, era um lugar sério. Não vendiam as nossas almas, só o direito de as despedaçar. Nas primeiras noites sentia-me apenas cansada. Mas com o passar das semanas, dos meses, tornou-se angustiante. Eu sempre gostara de música, especialmente jazz, e a orquestra não era má; talvez fosse a sequência que estava a enlouquecer-me, as mesmas canções noite após noite, enquanto um homem se seguia a outro. Até que se ouviam as primeiras notas de “Kind of Blue”, e eu respirava com alívio: o pesadelo estava quase a terminar.

Eram só onze e meia, a música era “In a Sentimental Mood”, e os meus mamilos estavam duros. Ergui os olhos para o rosto do homem; ele olhava por cima do meu ombro. Era alto, moreno e sombrio. Bem-parecido também, com o cabelo negro e olhos verde-acinzentados. O fato era velho mas de bom corte. Baixou os olhos para mim.

Está cansada?

Nunca estou cansada.

Ainda falta uma hora e meia...

Já esteve aqui antes?

Nas últimas noites.

Dançámos?

Não.

A canção tinha terminado, e ele dirigiu-se ao bar. Momentos depois aproximou-se outro homem e agarrei no bilhete azul. Aqueles bilhetes azuis faziam-me pensar num conto de fadas. Eu perdera-me num bosque e deixava-os cair um a um, e um homem seguia-os... Tristes contos de fadas.

Os meus tristes contos de fadas.

Queria ser atriz; sabia representar; era fotogénica. Estava cansada da minha cidade de província, de namorar com o rapaz da casa ao lado, de trabalhar numa loja, de ir ao cinema no sábado à noite. Um dia fugi de casa; não me despedi da minha mãe e da minha irmã, só deixei um bilhete. Ia ser atriz. Quatro anos depois trabalhava na Dance Academy. E um homem apertava-me contra si, e nem me importava. Não muito. Ou talvez fosse aquele princípio de desejo que sentira minutos antes: queria ser tocada.

“Ele” não estava no bar nem na pista de dança. Talvez estivesse lá fora. Às vezes falavam com o gerente, e esperavam-nos na rua. Não era assim tão mau... Alguns minutos fora da Academy, nada de música, de luzes prateadas; as malditas luzes prateadas. Só um desconhecido a beijar-me num bar, numa alameda, a tocar-me nos seios.

À uma menos cinco, as luzes baixaram, e a orquestra acabou a última canção, saltando algumas partes. Fui para o vestiário onde as outras raparigas mudavam de roupa quase em silêncio. Conversávamos alegremente antes das oito horas; não tínhamos nada para dizer à uma hora. O meu batom estava esborratado, como se tivesse sido beijada, algumas madeixas de cabelo tinham-se soltado dos ganchos. Lavei as mãos, deixando-as ficar muito tempo debaixo da água fria, e vesti o casaco preto.